



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

ANÁLISE DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA OFERTADA NOS CURSOS DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Maria Rosana Lopes do Nascimento¹

Flávia Rodrigues Lima da Rocha²

RESUMO

Este trabalho pretende fazer uma análise da disciplina de História da África, ofertada nos cursos de História da Universidade Federal do Acre – UFAC. Vários fatores contribuíram para pensar a disciplina de História da África, como o ano em que passa a ser ministrada, a partir de 2004, um ano após a lei 10.639/2003 entrar em vigor alterando o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/1996, que obriga os “estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, ministrarem assuntos referentes à História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, entre esses conteúdos, lecionar História da África e falar da sua contribuição para a sociedade.” Desde 2004 os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de História, Licenciatura e Bacharelado, sofreram algumas alterações, desde ementas, cargas horárias, exclusão de disciplinas e inclusão de outras, contudo a disciplina de História da África não sofreu nenhuma alteração no decorrer desses anos, o que não significa não ter sofrido mudanças na forma de ministração/abordagens e em suas situações de aprendizagens. Larkin (2008) nos traz evidências de que o primeiro homem migrou da África para outros continentes, deixando em cada homem na atualidade vestígios desse marco científico, no que diz respeito ao ensino de História, Bittencourt (2011) nos dá o suporte necessário para a discussão. Como metodologia utiliza-se a análise de Projetos Políticos Pedagógicos, conversas informais com outras professoras que já ministraram a disciplina e leituras bibliográficas. Ensinar história é perpassar temporalidades, não se deter a um só local de conhecimento, um só saber. Valorizar a História da África e seus sujeitos é manter viva uma história que faz parte de todos os continentes, assim como, dar visibilidade as primeiras civilizações e grandes reinos que a história europeia tentou apagar por séculos, sobretudo, contribuir para a formação de professores capazes de perceber a importância desse continente chamado “África”.

PALAVRAS-CHAVE: Curso de História. História da África. Ensino de História.

¹Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade, Ufac. Bolsista supervisora do Programa institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, Ufac. Professora de História na Ufac. E-mail: rosanaufac@outlook.com

²Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, Ufac. Professora de História na Ufac. Atualmente é coordenadora do Observatório e Discriminação Racial do estado do Acre. E-mail: flavia_rocha80@hotmail.com



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

Este trabalho faz uma breve análise da disciplina de História da África, ofertada nos cursos de História da Universidade Federal do Acre – UFAC, sabendo da importância da existência de, pelo menos uma disciplina no curso, já que os currículos ou disciplinas que perpassam nossa formação são quase todos baseados a partir do olhar do colonizador, nessa perspectiva uma disciplina que dialogue a História da África, trazendo outros conceitos e fundamentos que fale sobre o continente africano, é de suma importância para romper com a naturalização daquilo que nos impuseram desde a educação infantil. Dialogamos aqui, a partir da criação da Lei 10.639/2003 e da ementa que consta no Projeto Político Pedagógico, principalmente aqueles elaborados em 2007 e 2014.

A disciplina de História da África, ofertada a partir de 2004 nos cursos de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Acre - UFAC, será pensada aqui não somente como uma disciplina, também como o resultado da lei que surge em 2003, a lei 10.639/2003. Pretende-se fazer uma breve análise de como ela foi trabalhada nos três cursos de história existentes na UFAC, História Licenciatura matutino, Bacharelado em História vespertino e História Licenciatura noturno, e levantar o histórico da disciplina de História da África nesses cursos através dos Projetos Políticos Pedagógicos. Assim, como o conhecimento dos Projetos Políticos Pedagógicos, faremos um levantamento bibliográfico e análise documental, principalmente na ementa dessa disciplina ao longo dos anos que foram ministradas, a fim de deixar claro nosso estudo sobre a disciplina de História da África.

A Lei de Diretrizes e Bases – LDB/1996, que fornece diretrizes para a educação, passou por algumas mudanças ao longo dos anos, enfatiza-se aqui a lei 10.639/2003 que tornou obrigatório nos estabelecimentos públicos e privados, conforme o texto da lei que diz

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, Lei 10.639/2003)

Pode-se pensar que se existe a lei, existe com um propósito direcionador de ações voltadas a um ensino que até então não eram evidentes nas redes educacionais. Percebe-se, mesmo após a introdução da Lei 10.639/2003, uma ausência do ensino sobre África ou um reducionismo sobre ela, em todos os âmbitos educacionais. Sozinha, a letra da lei não é capaz de fazer nada, mas é a partir dela que professores passam a se constituir de saberes e da própria lei para afirmar o ensino dentro da educação, de formas diferenciadas, rompendo com olhares preconceituosos e estereotipados sobre o continente africano, junte-se a isso a importância de boa parcela da população, que é afrodescendente, sentirem-se excluídos ou não se reconhecerem no processo de ensino-aprendizagem, devido à falta de representação ou exclusão desse ensino, até então omissos.

Não podemos esquecer o quanto a África contribuiu para a construção de várias culturas em outros continentes, como também, para o crescimento econômico e social, principalmente no Brasil, onde negros foram escravizados por quase 400 anos, e, posterior a abolição da escravatura, continuaram tendo sua mão de obra escravizada, por preços irrisórios, ainda nos engenhos, na plantação de café e nos sistemas ferroviários que começaram a serem introduzidos no Brasil, nessa transição do trabalho escravo para o “livre”, que em nenhuma circunstância havia liberdade.

Percebemos assim, a importância desse continente a ser trabalhado como disciplina, conteúdos, cursos, nas escolas da rede pública, privada e nas instituições superiores, e, segundo, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco, é cada vez maior o número de centros acadêmicos que trabalham sobre o continente africano.

Não se pode esquecer que a maioria dos textos que são utilizados na disciplina de História da África são de autores africanos que publicaram importantes obras, como exemplo temos a obra “História Geral da África” publicada pela Unesco, cujos quatro volumes restantes foram traduzidos para o português e publicados pelo Ministério da Educação - MEC. Enfatizamos ainda que na biblioteca da Ufac dispõem dos oito volumes e que todos os volumes estão disponíveis em pdf no site do domínio público. Ainda que a própria Unesco relate que várias instituições já falam sobre História da África, seus povos, suas culturas

diversas, é preciso continuar o trabalho, apesar desse progresso que tivemos em relação à educação africana, há muito a ser feito dentro e fora das salas de aula, para que os próprios profissionais de educação requeiram a especialização necessária e sintam-se capazes de falar sobre esse vasto continente, cheio de valores e práticas sociais que já foram interiorizadas no Brasil, desde o período conhecido como Brasil Colônia, trazendo nos corpos, marcas culturais e ancestrais impossíveis de serem esquecidas, apesar de habitarem lugares diferentes e passarem a viver de modo sub-humano, tinham com eles, aquilo que acontece em vários lugares, principalmente da América, os legados destes povos que perpassam épocas e apresentam-se de diversas maneiras, nas linguagens, comidas, danças, músicas, moda, lendas, mitos e no folclore em geral.

É notório porque precisamos conhecer a história da África e do povo que a constitui, devido a sua grande relevância para o nosso próprio ser que vive diariamente cercado de legados africanos, afrodescendentes, entre outras, que se consideram ou não negras. Por muito tempo, o continente africano foi vislumbrado como um lugar amaldiçoado, por mitos e fantasias que nada diziam da realidade deste continente, ditas para que o nosso imaginário reproduzisse uma África seca, sem culturas, alegrias, conhecimentos, tecnologias, entre outros fazeres, que perpassam todas as sociedades.

Apenas ao continente europeu cabia o papel de pensar, de ser intelectual e cultural, o único lugar de onde poderia sair grandes pensadores, a África já era condenada para ser a periferia, o lugar que ninguém tinha interesse, ignoravam as pessoas que moravam neste lugar mesmo com tantos movimentos intelectuais surgindo na Europa a partir dos fins do século XVIII, como o Iluminismo, para muitos desses intelectuais, como Georg Hegel, respeitados e admirados até os dias presentes dentro da universidade, “na compreensão que tinha da África, ela sequer deveria fazer parte da história universal” WALDMAN, SERRANO (2010). Assim, através desses olhares europeizados, constata-se que lançavam sobre a África apenas o papel de prover os bens materiais e no fornecimento da mão de obra que tanto precisaram em vários espaços/tempos históricos.

Reflete-se que, essas posturas de pensar Ocidente/Oriente, Norte/Sul, Leste/Oeste, de pensar o que o outro é, sem respeitar o que realmente ele é, nos leva aquilo que Enrique



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

Dussel em “1492: O encobrimento do Outro” falava sob o mito da modernidade, que se aplica, principalmente, a América Latina, África e Ásia, pensamentos mascarados e sutis, marcados por um olhar frenético de conquista da Europa sob o outro, capazes de trazer reflexões teóricas e filosóficas que ilustram apenas o pensamento europeu, dizem da preguiça, covardia, da falta de consciência humana e intelectual, da pobreza de espírito, da falta de história da África, do outro, diz Dussel:

(...) Acerca da África Hegel escreveu algumas páginas que merecem ser lidas, embora se deva ter muito senso de humor, já que é a culminação fantástica de uma ideologia racista, cheia de superficialidade, com um sentido infinito de superioridade, que mostra bem o estado de espírito da Europa no começo do século XIX. (DUSSEL, p. 19)

Assim, vemos o quanto a disciplina de História da África é fundamental nesse processo de aprendizagem e conhecimento, para os alunos e professores de História perceberem como o continente africano foi olhado de forma negativa e pejorativa por séculos. O próprio nome do continente, segundo Waldman e Serrano (2010), está relacionado ao calor, já que a África é o único continente de clima tropical do planeta, sendo assim, este é um dado que servirá de manipulação para muitos daqueles que desejam a submissão ou inferiorizar esses povos,

(...) Compreendendo terras soberanamente governadas pelo sol, muitas vezes esse dado foi persistentemente manipulado para confirmar uma inferioridade tida como inata ao negro africano, quando não rubricada como resultado dessa inferência natural. Recorde-se que, em passado recente, foram abundantes nos meios científicos europeus as teses que advogavam, por exemplo, baixa capacidade intelectual, passionalismo e preguiça como decorrentes da tropicalidade e da elevada umidade do ar. Ademais, para a cristandade europeia, as temperaturas possuem, de um ponto de vista cultural, sentido simbólico negativo. Ao calor associa-se a sensualidade, igualmente repudiada pelo pensamento cristão. Não por acaso, o cristianismo criou expressões como *o fogo* ou *o calor dos infernos*. (WALDMAN, SERRANO, 2010, p. 26-27)

Compreende-se então, que a Europa constrói um imaginário que nada diz respeito ao que realmente é o continente africano, e este pensamento europeizado, está frequentemente, associado àquilo que a própria sociedade ocidental e atual, irá entender por



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

capitalismo; diante disso, elaboram-se imagens sobre a África de acordo com o cenário econômico vigente europeu, sejam eles mercantilistas ou capitalistas industriais. Com a independência do continente africano, os europeus continuam a desqualificar esses diferentes povos que habitam a África; a mídia e o próprio ensino, através de materiais de cunho eurocêntricos, contribuem com esse pensamento conhecido como afropessimismo, um lugar que não haveria nenhum desenvolvimento, que estagnaria no tempo, não saberiam se conduzir e sempre precisariam da ajuda do ocidente, o continente passa a ser lugar de “pobreza, de guerras entre tribos, do subdesenvolvimento, doenças, analfabetismo e de outras adjetivos negativos” (WALDMAN, SERRANO, 2010, p. 32).

Todo o empenho da Europa, não foi suficiente para parar a luta desses povos nos dias atuais, bem como as leis de reparação, e o ensino que vem se modificando dia após dia, esses pensamentos que possuíam olhares dominadores, tentaram concretizar no imaginário populacional essa superioridade ou inferioridade inexistente, distorcendo a verdade do outro e sobre o outro, no intuito de aprisionar mentes/corpos através de ideologias.

Um ano após a implementação da Lei 10.639/2003, a disciplina de História da África começa a ser ministrada na Universidade Federal do Acre, nos cursos de Licenciatura em História, cursos que possuem oito semestres com um currículo de caráter europeizado, tendo em vista a quantidade de disciplinas que abarcam o cenário europeu, como o Projeto Político Pedagógico - PPP de 2007 traz Sociologia, Filosofia, Teoria da História I, Teoria da História II, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea, com carga horária de 60h cada. Já podemos considerar um avanço, a existência da disciplina no ano de 2004, com carga horária de 60 horas, segundo o PPP. No Plano de Curso da disciplina de História da África, verificamos que

A diversidade étnica, social e cultural do continente africano; o processo de colonização e descolonização; os movimentos revoluções de liberdade nacional; a formação das nações e seus dilemas; resistências e conflitos em uma região multifacetada na era da mundialização do capitalismo (Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, p. 25, 2007).



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

Em 2014 houve uma nova proposta de PPP para os cursos de Licenciatura em História, com mudanças de cunho metodológico, mas o conteúdo da ementa permaneceu o mesmo e com a mesma carga horária. Um ganho para os discentes e docentes da Universidade Federal do Acre é a introdução da disciplina História e Cultura Afro-Brasileira, com carga horária de 60 horas, que estuda a “trajetória do povo negro no Brasil e suas contribuições na formação da sociedade nacional nas áreas social, econômica, política e cultural (PPP, p. 76, 2014), contribuindo assim, com a formação dos discentes, enriquecendo seus saberes acerca dos legados desses povos para o Brasil e ajudando a romper com um olhar “negro/escravo”, visões ainda predominantes, principalmente no meio que estamos inseridos, na própria educação, nos ensinos Infantil, Fundamental I e II, Médio e Superior, em que muitas vezes, os próprios professores contribuem para fundamentar ou enraizar na mente dos discentes a figura do “negro/escravo”, mão de obra, feio, mal arrumado, imagens presentes nos livros didáticos e na literatura infantil.

Desse período de 2014 para 2017 não houve outro PPP. Pode-se imaginar que em 60 horas é impossível estudar todo um continente, desde sua origem aos dias presentes, com grande profundidade teórica, além, da mesma permanecer sendo ministrada em um único período, no último, o oitavo período, impossibilitando diálogos mais profundos e escritas, por exemplo, de trabalhos acadêmicos ligados a esta temática, tendo em vista que os Projetos que serão os Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC começam a serem elaborados no 5º período, tornando inviável, iniciar a elaboração um projeto relacionado a esta temática a partir do 5º período, exceto que o interesse partisse do próprio estudante ou se o mesmo tivesse participando de algum programa de apoio ou monitoria que o influenciasse a escrita dessa temática. O objetivo geral da disciplina de História da África, presente nas últimas ementas é

Oferecer uma visão crítica e abrangente da História da África, destacando sua diversidade étnica, social e cultural, suas civilizações tradicionais, os processos de colonização e de descolonização, os movimentos de libertação nacional, a formação das nações africanas bem como os desafios e possibilidades da África contemporânea (Plano de aula da disciplina de História da África).

Partindo do objetivo geral, as professoras da disciplina listavam os específicos de acordo com a ementa, objetivo geral, e a carga horária, de modo a cumprir o que a ementa



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

pede, mas não podendo aprofundar da forma necessária ao entendimento profundo da África. Os objetivos específicos são trabalhados por pontos que também são divididos na unidade temática, expressos da seguinte forma:

- Enfatizar a importância do continente africano quanto às origens da humanidade e da civilização;
- Caracterizar as civilizações antigas e as instituições tradicionais que se desenvolveram no continente africano, destacando sua diversidade étnica, social e cultural;
- Compreender as formas de escravidão existentes no continente africano bem como analisar as condições de implantação do tráfico atlântico de escravos;
- Discutir o processo da partilha da África entre as nações europeias, no contexto de expansão do capitalismo, e a resistência das populações africanas;
- Compreender o processo histórico que levou à liquidação dos impérios coloniais europeus e ao surgimento ou ressurgimento de povos que se constituíram em Nações e Estados, destacando a ação dos movimentos de libertação nacional;
- Abordar o processo de formação das nações africanas, seus dilemas e conflitos;
- Analisar a realidade contemporânea do continente africano, destacando os desafios e as possibilidades. (Plano de aula da disciplina de História da África)

Esses objetivos específicos são trabalhados partindo de uma discussão historiográfica quanto ao ensino de História da África a partir da Lei 10.639/2003, bem como discutindo e entendendo junto com os alunos as antigas civilizações africanas, utilizando livros como o organizado por Elisa Larkin Nascimento “A matriz africana no mundo”, que tem seu segundo capítulo, intitulado “Introdução as antigas civilizações africanas” e afirma que

Pesquisas mais recentes vêm confirmando não apenas que a humanidade nasceu na África, como também que os negros africanos estão entre os primeiros a construir civilizações humanas e erigiram as bases da própria civilização ocidental (LARKIN, 2008, p. 55)

Este texto é primordial para entendermos as teorias eurocêntricas de modo mais profundo, e, ao mesmo tempo, para nos fazer romper com as mesmas teorias eurocêntricas com as quais fomos adestrados em todo nosso percurso escolar. Traz, claramente, expressas as artimanhas usadas pelos europeus e suas comprovações de que o homem originou-se na Europa, para provar, por meio de outros estudiosos, ainda que também sejam europeus, já no

século XX, da verdadeira origem do homem, discussão necessária e primordial para a disciplina de História da África, em que percebemos que até metade do século XX, precisamente na primeira década, 1912, ainda existem estudiosos pseudocientíficos na tentativa de provar que a origem do homem é branca, e desqualificar as grandes obras de artes, pirâmides, escritas astronomia, e outros legados, que os europeus tentaram de todas as formas, provar que foram criados na Europa, mas foi difundido através do continente africano.

Apesar da carga horária não dar conta de todo conteúdo, é possível estabelecer boas leituras e argumentações relacionadas ao texto, que dependendo do empenho da turma, conseguimos bons debates de base dos textos. Utilizamos, além de bons textos, vídeos e filmes, como “A origem do homem”, e o filme “A sombra e a escuridão” que já foi reprisado várias vezes em canal aberto. Todavia, antes de qualquer leitura ou diálogo, é quase impossível pensar na mensagem que fica em nosso imaginário sobre a África. Segue-se, trabalhando a África antiga e pós-independência, através de debates, produções textuais e seminários. Percebe-se que os discentes sobrecarregam-se de leituras, obedecendo ao ritmo que a ementa cobra dentro da carga horária estabelecida.

É bom frisar que a disciplina de História da África, da Universidade Federal do Acre, não deve ser a única a falar desse continente, é preciso haver uma interconexão das disciplinas e dos professores que atuam nos diversos campos do conhecimento, a disciplina é voltada para o curso de História, todavia, todos os cursos deveriam oferecê-la devido a tantos estereótipos presentes e enraizados nas subjetividades das nossas vivências. É possível verificar na Lei 10.639/2003 a sugestão desse trabalho por meio de várias áreas, sejam elas geográficas, sociológicas, ciências políticas, artes, letras, a antropologia que ajuda a romper com o pensamento eurocêntrico e de superioridade nos meados do século XIX, a referida lei sugere esse compartilhamento de conhecimentos através de seus espaços, principalmente em salas de aula, nas escolas, universidades, projetos e oficinas. Um dos objetivos primordiais da implantação da Lei 10.639/2003 é o desaparecimento da discriminação racial ou qualquer desigualdade, preconceito, falta de oportunidade que ainda exista relacionada à cor.

Concluimos então, não com o pensamento de dever cumprido, mas com a vontade de que a disciplina de História da África obtenha o espaço que tanto precisa, assim como seja ministrada em períodos anteriores para que os discentes a pensem sobre diversos ângulos e tenham desejos por escrever para compartilhar saberes com outras pessoas e com a própria comunidade, projetos e artigos relacionados a este continente, um continente cheio de histórias, escrita, arte e invenções escondidas ou silenciadas por séculos.

REFERÊNCIAS

AJAYI, J. F. Ade (Org.). **História Geral da África VI: África do século XIX à década de 1880.** Brasília: UNESCO, 2010. 1032p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000323.pdf> Acessado: fevereiro/2012.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2 Ed. São Paulo. Cortez, 2011.

DOWBOR, Ladislau. **Guiné-Bissau – a busca da independência econômica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

DUSSEL, Enrique. 1492: **O encobrimento do outro.** Editora Vozes, 1993.

EL FASI, Mohammed (Org.). **História Geral da África III: África do século VII ao XI.** Brasília: UNESCO, 2010. 1056 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000320.pdf> Acessado: fevereiro/2012.

FAGE, J. D. **História da África.** Lisboa: Edições 70, 1995.

FIGUEREDO, Luciano (Org.) **Raízes africanas.** Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África: anterior aos descobrimentos- Idade moderna** 1. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1985.

KI- ZERBO, Joseph. **História da África negra.** Francisco Lyon de Castro: Viseu, 1972, v.1, v.2.

_____ (Org.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África.** 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf> Acessado: fevereiro de 2012.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África:** uma história de suas transformações. Tradução: Regina. A R. Bhering e Luís Guilherme B. Chaves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 497p.

M'BOKOLO Elikia. **África Negra:** História e civilizações. Tomo I (até o século XVIII). Tradução: Alfredo Margarido. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo.** São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira).

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória d'África:** a temática africana em sala de aula. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.